

ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY

O Príncipezinho

Texto integral
com aguarelas do autor

Nova e cuidada tradução de
ANA SALDANHA

Prefácio de
ÁLVARO MAGALHÃES





*Julgo que, para a sua partida, ele aproveitou
uma migração de aves selvagens.*

ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY



O Príncipezinho

Texto integral
com aguarelas do autor



Nova e cuidada tradução de
ANA SALDANHA

Prefácio de
ÁLVARO MAGALHÃES



livros que saltam à vista

Prefácio

Livro para crianças, com palavras e desenhos simples, e também conto filosófico para adultos, ou não assentasse sobre camadas subterrâneas de material simbólico, filosófico e poético (não ver isto, seria como ver um chapéu onde está uma jiboia), *O Principezinho*, mais de 70 anos depois da primeira publicação, em 1943, «não cessa de dizer o que tem a dizer» (Italo Calvino), como compete a um clássico.

Vejamos, então: um aviador, perdido no deserto, encontra um rapazinho que vem de um distante asteroide, onde vive sozinho com uma única rosa. Trata-se, antes de mais, do encontro de duas solidões, correspondentes ao desdobramento da personalidade do autor: o adulto Exupéry (aquele que, um ano depois, desapareceria, quando pilotava o seu avião sobre o Mediterrâneo) e o rapaz que ele foi, a criatura natural, ainda não corrompida pelo mundo, logo, mais próxima do ser e da sua essência.

Não esqueçamos que a história começa com um estado de crise — uma avaria (do avião) — e acaba com a sua reparação. Podemos, pois, lê-la, também, como tal: a narração da reparação de uma avaria. A nossa, evidentemente. Estamos avariados e sós, no meio de um deserto qualquer (ou não?) e somos seres evoluídos, mas desnaturados, no sentido de um afastamento do natural e da essência da vida.

Eis porque (re)ler este livro que «não cessa de dizer o que tem a dizer» se tornou num método salvífico, ou não seria um dos mais lidos de sempre, depois da Bíblia. E o que

nos diz ele, no essencial? O mundo conspira para nos tornar cegos, como acontece até ao acendedor de lampiões que, por causa das suas ocupações, ficou cego para as estrelas. Logo, o nosso verdadeiro trabalho é reaprender a olhar e voltar a ver o mundo.

Álvaro Magalhães

A Léon Werth.

Peço desculpa às crianças por ter dedicado este livro a uma pessoa grande.

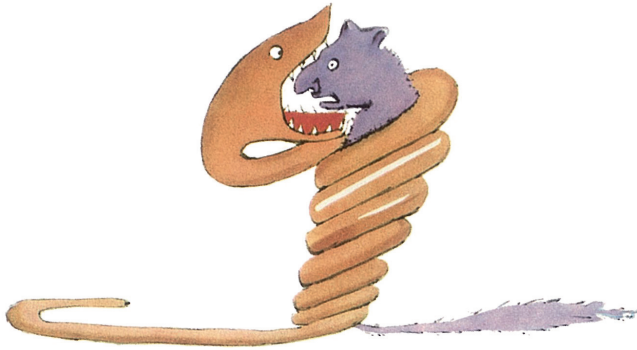
Tenho uma boa desculpa: essa pessoa grande é o melhor amigo que eu tenho no mundo. Tenho uma outra desculpa: essa pessoa grande compreende tudo, mesmo os livros para crianças. Tenho uma terceira desculpa: essa pessoa grande vive em França, onde passa fome e frio. Tem muita necessidade de ser consolada. Se todas estas desculpas não chegam, quero dedicar este livro à criança que essa pessoa grande foi em tempos. Todas as pessoas grandes já foram crianças. (Mas poucas se recordam disso.)

Corrijo então a minha dedicatória:

*A Léon Werth,
quando ele era menino.*

I

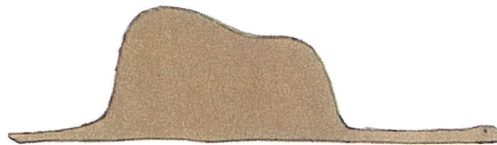
Uma vez, quando eu tinha seis anos, vi uma imagem magnífica num livro sobre a floresta virgem que se chamava *Histórias Vividas*. Mostrava uma jiboia a engolir um animal selvagem. Aqui têm a cópia do desenho:



Dizia-se no livro:

«As jiboias engolem a sua presa inteira, sem a mastigar. A seguir, não conseguem mexer-se e dormem durante os seis meses de digestão.»

Refleti então bastante sobre as aventuras da selva e, por minha vez, consegui, com um lápis de cor, traçar o meu primeiro desenho. O meu desenho número 1. Era assim:

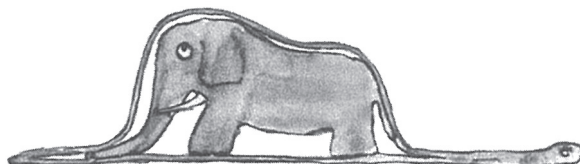


Mostrei a minha obra-prima às pessoas grandes e perguntei-lhes se o meu desenho lhes metia medo.

Elas responderam-me:

— Porque é que um chapéu haveria de meter medo?

O meu desenho não representava um chapéu. Representava uma jiboia a digerir um elefante. Desenhei então o interior da jiboia para que as pessoas grandes pudessem compreender. Elas têm sempre necessidade de explicações. O meu desenho número 2 era assim:



As pessoas grandes aconselharam-me a pôr de lado os desenhos de jiboias abertas ou fechadas e a interessar-me antes pela Geografia, pela História, pela Matemática e pela Gramática. Foi assim que, aos seis anos, abandonei uma magnífica carreira de pintor. Desanimou-me o insucesso do meu desenho número 1 e do meu desenho número 2. As pessoas grandes nunca compreendem nada sozinhas, e para as crianças é cansativo estar sempre, sempre a dar-lhes explicações...

Tive então de escolher uma outra profissão e aprendi a pilotar aviões. Voei um pouco por todo o mundo. E a Geografia, é um facto, foi-me muito útil. Era capaz de distinguir a China do Arizona à primeira vista. É muito útil, se uma pessoa andar perdida durante a noite.

Tive assim, ao longo da minha vida, uma data de contactos com uma data de gente séria. Vivi muito na companhia de pessoas grandes. Vi-as de muito perto. A minha opinião delas não melhorou muito.

Quando encontrava uma que me parecia um pouco lúcida, fazia-lhe a experiência do meu desenho número 1, que tinha conservado. Queria saber se ela conseguia verdadeiramente compreender alguma coisa. Mas ela respondia-me sempre:

— É um chapéu.

Então, eu não lhe falava de jiboias, de florestas virgens ou de estrelas. Punha-me ao seu nível. Falava-lhe de bridge, de golfe, de política e de gravatas. E a pessoa grande ficava toda contente por conhecer um homem com tanto juízo...

II

Vivi assim sozinho, sem ter ninguém com quem falar verdadeiramente, até ter uma avaria no deserto do Sara, há seis anos. Tinha-se partido qualquer coisa no motor. E como eu não levava nem mecânico nem passageiros, preparei-me para tentar conseguir fazer sozinho uma reparação difícil. Era para mim uma questão de vida ou de morte. A água que tinha para beber mal chegava para oito dias.

Na primeira noite adormeci em cima da areia a mil milhas de qualquer terra habitada. Estava bem mais isolado do que um naufrago numa jangada no meio do mar. Imaginem então qual não foi a minha surpresa quando, ao nascer do dia, uma vizinha engraçada me acordou. A voz dizia:

— Por favor... desenha-me uma ovelha!

— Como?

— Desenha-me uma ovelha...

Pus-me de pé de um salto como se um raio me tivesse atingido. Esfreguei bem os olhos. Olhei de novo. E vi um rapazinho

extraordinário que olhava para mim com um ar muito sério. Aqui têm o melhor retrato dele que consegui fazer mais tarde. Mas é claro que o meu desenho é muito menos deslumbrante do que o seu modelo. A culpa não é minha. Eu fui desencorajado na minha carreira de pintor aos seis anos de idade pelas pessoas grandes e não aprendi a desenhar nada, a não ser jiboias fechadas e jiboias abertas.

Olhei para aquela aparição com os olhos esbugalhados de espanto. Não se esqueçam de que eu estava a mil milhas de qualquer região habitada. Ora o meu rapazinho não parecia nem perdido nem morto de cansaço, nem morto de fome nem morto de sede nem morto de medo. Não apresentava sinais de ser uma criança perdida no meio do deserto, a mil milhas de qualquer região habitada. Por fim, quando consegui falar, disse-lhe:

— Mas... o que é que tu fazes aqui?

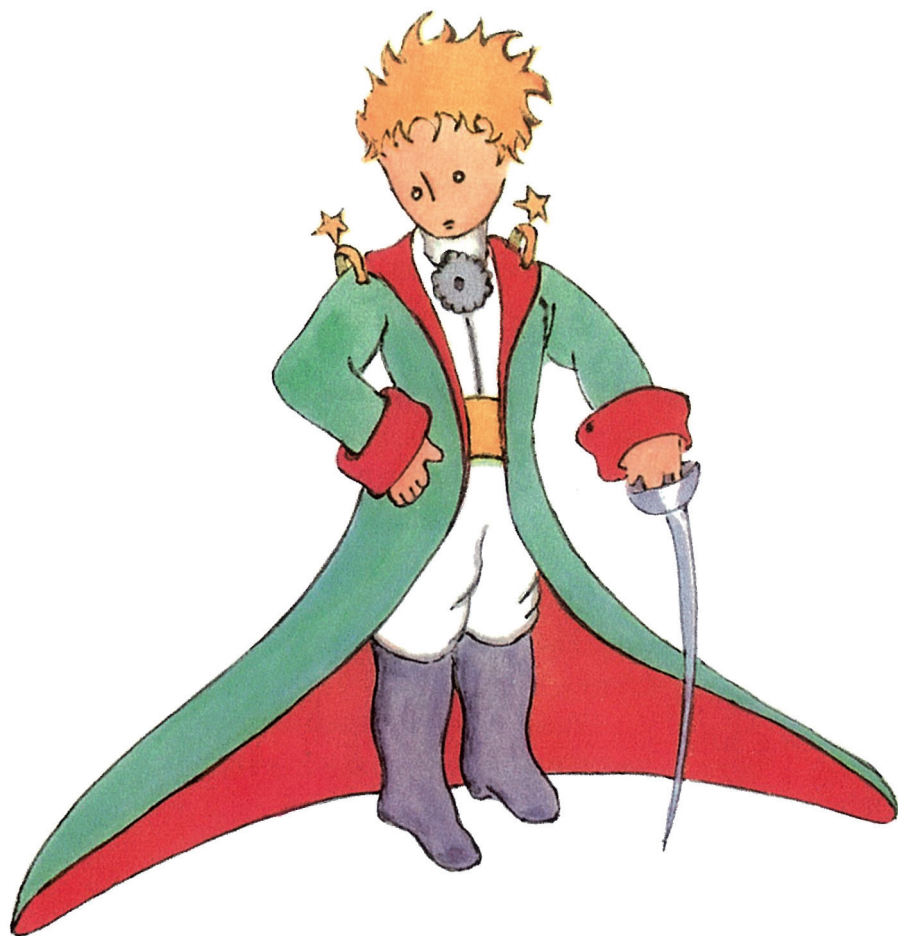
E ele repetiu-me então, muito docemente, como se se tratasse de uma coisa muito séria:

— Por favor... desenha-me uma ovelha...

Quando o mistério é demasiado impressionante, não nos atrevemos a desobedecer. Por mais absurdo que aquilo me parecesse, a mil milhas de todos os lugares habitados e em perigo de morte, tirei do bolso uma folha de papel e uma caneta. Mas lembrei-me então de que tinha sobretudo estudado Geografia, História, Matemática e Gramática, e disse ao rapazinho (com um ar pouco satisfeito) que não sabia desenhar. Ele respondeu-me:

— Isso não tem importância. Desenha-me uma ovelha.

Como eu nunca tinha desenhado uma ovelha, voltei a fazer um dos dois únicos desenhos que era capaz de fazer. O da jiboia fechada. E fiquei pasmado ao ouvir o rapazinho dizer:



*Aqui têm o melhor retrato dele
que consegui fazer mais tarde.*



— Não! Não! Eu não quero um elefante dentro de uma jiboia. As jiboias são muito perigosas e os elefantes ocupam muito espaço. O meu sítio é muito pequeno. Eu preciso de uma ovelha. Desenha-me uma ovelha.

Então, desenhei.

Depois de olhar atentamente para o meu desenho, disse:

— Não! Essa já está muito doente. Faz-me outra.

Desenhei:

O meu amigo sorriu delicadamente, com indulgência:

— Tu não estás a perceber... isso não é uma ovelha, é um carneiro. Tem chifres...

Voltei a fazer o meu desenho:

Mas ele foi recusado, como os anteriores:

— Essa é velha de mais. Eu quero uma ovelha que viva muito tempo.



Então, já sem muita paciência, como tinha pressa de começar a desmontar o motor do meu avião, rabisquei este desenho:

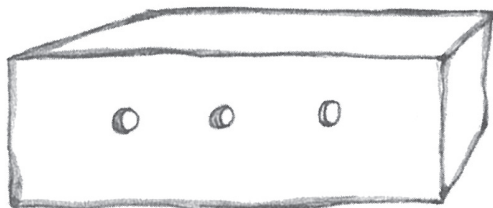
E atirei-lhe com:

— Isto é a caixa. A ovelha que tu queres está dentro dela.

Mas fiquei bem espantado ao ver o rosto do meu pequeno juiz iluminar-se:

— Era mesmo assim que eu a queria! Achas que esta ovelha precisa de muita erva?

— Porquê?



— Porque o meu sítio é muito pequeno.
— Chega, com certeza. A ovelha que eu te dei é pequenina.
Ele inclinou a cabeça para o desenho:
— Não é tão pequena como isso... Olha! Adormeceu...
E foi assim que travei conhecimento com o príncipezinho.

III

Demorei muito tempo a compreender de onde ele vinha. O príncipezinho, que me fazia muitas perguntas, não parecia nunca ouvir as minhas. Foram umas palavras aqui, outras ali, que, pouco a pouco, me foram revelando tudo. Assim, quando ele viu pela primeira vez o meu avião (não vou desenhar o meu avião, é um desenho complicado de mais para mim), perguntou-me:

— O que é essa coisa?

— Não é uma coisa. Voa. É um avião. É o meu avião.

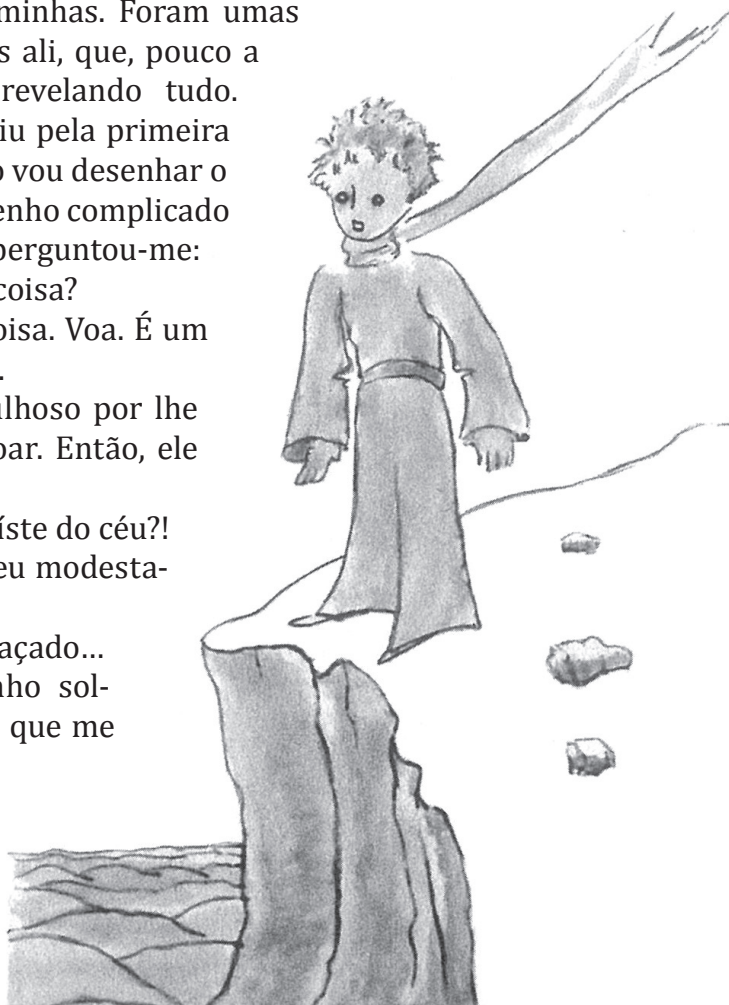
E senti-me orgulhoso por lhe revelar que sabia voar. Então, ele exclamou:

— Como?! Tu caíste do céu?!

— Caí — disse eu modestamente.

— Ah! Que engraçado...

E o príncipezinho soltou uma bela risada que me



irritou muito. Eu gosto que levem as minhas desgraças a sério. Depois, acrescentou:

— Então, tu também vieste do céu! De que planeta és?

Entrevi de imediato um clarão para esclarecer o mistério da sua presença e perguntei-lhe de chofre:

— Então tu vieste de outro planeta?

Mas ele não me respondeu. Abanava a cabeça delicadamente, a olhar para o meu avião:

— É um facto que, em cima daquela coisa, não podes ter vindo de muito longe...

E ficou num devaneio que durou muito tempo. Depois, tirou a minha ovelha do bolso e mergulhou na contemplação do seu tesouro.

Imaginam como fiquei intrigado com aquela meia confidência sobre «os outros planetas». Tentei saber mais coisas:

— De onde vens tu, meu menino? Onde é esse tal «teu sítio»? Para onde queres levar a minha ovelha?

Ele respondeu-me depois de um silêncio para pensar:

— O que vale é que a caixa que me deste vai-lhe servir de casa à noite.

— Com certeza. E, se tu fores simpático, também te dou uma corda para a amarrares durante o dia. E uma estaca.

A ideia pareceu chocar o príncipezinho:

— Amarrá-la? Que ideia esquisita!

— Mas se tu não a amarrares, ela vai sabe-se lá para onde e perde-se.

E o meu amigo soltou nova gargalhada:

— Mas para onde queres que ela vá?!

— Não importa para onde. Sempre a direito...

O príncipezinho pôs-se muito sério e disse:



O principezinho em cima do asteroide B 612.

CLÁSSICOS BOOKSMILE

O Príncipezinho é um clássico que povoa o imaginário de crianças e adultos em todo o mundo. Esta é a história fantástica de um aviador que, em pleno deserto, conhece um príncipezinho de cabelos dourados que lhe conta a sua incrível viagem pelo espaço antes de ter aterrado na Terra.



Mas mais do que a história enternecedora do pequeno príncipe que se libertou do pequeno asteroide onde vivia, esta obra é uma alegoria sobre a condição humana. A sua leitura nunca se esgota: os anos passam mas, sempre que o leitor a relê, encontra novos significados para as suas palavras.

Este livro, de acordo com a edição original de 1943, é ilustrado com as aguarelas do autor e conta com uma nova e cuidada tradução da escritora Ana Saldanha, que reflete fielmente a beleza e a poesia do texto original.



Vê o vídeo de
apresentação
deste livro.

www.booksmile.pt



livros que saltam à vista

20|20 editora

ISBN 978-989-707-338-0



9 789897 073380

Literatura Juvenil